

MEMÓRIA, TRADIÇÃO E ORALIDADE NA UMBANDA: vivências do Pai de Santo Diego Ty Xangô em um Terreiro de Umbanda de São José do Rio Preto interior Paulista

Local de Realização da Pesquisa: A pesquisa ocorreu no Terreiro de Umbanda Pai João do Quilombo e Cacique Pena Roxa / Associação Espírita de Umbanda União da Fé, localizado na cidade de São José do Rio Preto – SP (endereço: R. Maria Alves da Conceição, nº 51, bairro Jardim do Bosque, CEP 15051-635).

Discente Pamela Bianca Santos de Oliveira

Trabalho apresentado à disciplina de História do Brasil II

Janeiro de 2023, Marília – SP

Introdução

Quando se fala de memória não se trata apenas de um mero registro do que se passou, mas de um fenômeno social capaz de se moldar e sobreviver às gerações (SILVA, 2002). Praticar a lembrança (de memórias) em seu sentido pleno (fala, vestimentas, objetos, tradições e afins) pode ser considerado como uma manifestação / adaptação da história construída no passado capaz de moldar um ser que está em processo de construção no presente, como aborda Gonçalves, (1992):

[...] A memória é uma atividade coletiva. No repertório individual se agregam lembranças e falas alheias que destituídas da patente do outro, tornam-se elemento “original” da história do eu-memória. Nela sempre estão presentes o dialogismo, a polifonia e a heterogeneidade (constitutiva e mostrada) [...] (GONÇALVES, 1992).

Isso pode ser denominado como uma transmissão de conhecimento através da memória. Memória esta que pode estar contida na oralidade, cânticos, cultos, objetos, rituais, espaços e afins. Historicamente, comunidades fizeram uso dos recursos de sua memória (sobretudo, a memória oral para a explicação dos significados de cada coisa) para transmitir e perpetuar (ao longo das gerações) todas as representações culturais e tradições contidas em um povo, religião, ritos e afins (COSTA, 2022). Portanto, o ato de transmitir uma lembrança envolve uma construção e transmissão do oral, o qual seus agentes, o transmissor e o receptor, são atores indispensáveis para a perpetuação da memória para que a mesma possa transcender, a ponto de miscigenar o material com o imaterial ao longo do tempo.

Como se sabe, o Brasil é um país multicultural, e, uma das principais culturas do país provém das matrizes africanas (RODRIGO, 2010). As memórias oriundas dos povos africanos e seus descendentes sobrevivem e resistem (até os dias de hoje) por meio da memória oral. Todavia, se destaca a preservação dessas memórias através das manifestações religiosas, com destaque para a Umbanda, a qual foi abordada nesse trabalho (DA SILVA, 2005). No qual, tal religião preserva sua memória através de histórias, narração de significados ritualísticos, rituais, cânticos, objetos, esculturas, e, sobretudo, por meio da oralidade presente em todos os contextos, oralidade essa que visa manter tradições e a cultura viva (DA SILVA, 2005).

Dessa forma, o trabalho intitulado: “UMBANDA E MEMÓRIA: APONTAMENTOS A PARTIR DA CANÇÃO MISTICISMO DA ÁFRICA AO BRASIL” traz que:

A Umbanda se desenvolveu a partir de uma miscigenação cultural. Através do diálogo estabelecido entre elementos culturais das religiosidades cristãs, indígenas, kardecistas e, sobretudo, africanas, formou-se uma nova prática religiosa, conduzida por dogmas diferentes. Importante destacar que só foi possível a construção deste novo imaginário por conta das memórias preservadas dos povos africanos que sofreram a diáspora que pela oralidade passaram de uma geração para outra (VARGAS, 2016).

Desde sua independência, o estado brasileiro se mostra ausente durante as tentativas de silenciamento da historiografia de alguns espectros que compõe a sociedade brasileira, com destaque para as manifestações de origem africana e indígena (DA SILVA FERREIRA, 2016). Portanto, o principal modo de se manter tais culturas vivas ao longo das gerações foi por meio das variadas manifestações da memória, com destaque para a memória oral.

Desse modo, o presente trabalho teve o intuito de analisar a importância da memória e da oralidade para a formação de um sacerdote de Umbanda, e, como tais memórias foram importantes não só para a formação, mas, para a perpetuação das manifestações culturais de um povo ou grupo.

Delineamento do Estudo

Objetivo

O objetivo da pesquisa, foi, com o tema geral: “As representações do silêncio na historiografia da sociedade brasileira. Do século XXI à Primeira República” desenvolver um trabalho com o tema específico: A importância da memória falada e ouvida para a perpetuação das tradições e raízes da Umbanda através das gerações durante a formação de um Sacerdote de Umbanda.

O trabalho ocorreu em torno da Umbanda, uma religião afro-brasileira fundada no Brasil resultante da mistura de elementos de religiões e/ou manifestações religiosas

africanas e indígenas somadas às manifestações mediúnicas referendadas através do espiritismo Kardecista (abordado por Allan Kardec) (PRANDI, 1996 & ROHDE, 2009).

Local da Pesquisa

A pesquisa ocorreu no Terreiro de Umbanda Pai João do Quilombo e Cacique Pena Roxa / Associação Espírita de Umbanda União da Fé, localizado na cidade de São José do Rio Preto – SP (endereço: R. Maria Alves da Conceição, nº 51, bairro Jardim do Bosque, CEP 15051-635). Adicionalmente, a entrevista ocorreu dentro das dependências do local.

Descrição do Avaliado

A escolha do entrevistado se deu por meio do grau de importância figurativa dentro das matrizes de um terreiro de Umbanda. Com isso, o representante escolhido foi o sacerdote central do Terreiro de Umbanda denominado Pai Diego Ty Xangô babalorixá de Santo (sacerdote responsável por guiar os espíritos quando estes estão no plano terreno - terra).

O avaliado relatou que está inserido na Umbanda desde o seu nascimento, e, que aos sete anos de idade teve seu primeiro contato com as manifestações espiritualísticas da Umbanda, e, que há vinte anos se dedica integralmente para o desenvolvimento e manutenção das matrizes (religiosas: ritualísticas, espiritualísticas, culturais e afins) da Umbanda, sendo há 10 anos como um sacerdote de Umbanda. Destaca-se que, atualmente, Pai Diego Ty Xangô ensina os componentes da matriz da umbanda a 18 pessoas (indivíduos que manifestam dons espiritualísticos) para a perpetuação das matrizes históricas da religião. E, seu terreiro atende semanalmente cerca de 60 pessoas que buscam saúde espiritual.

Método de Entrevista e Roteiro de Entrevista

Foi utilizado o método de entrevista em profundidade com um roteiro prévio de perguntas, porém, durante a entrevista foi notado a necessidade de uma maior exploração das respostas, assim, questões que não estavam presentes no roteiro foram feitas. Ademais, durante toda a entrevista, o entrevistado estava livre para conduzir suas respostas (DUARTE, 2005). A entrevista foi registrada por meio de um gravador virtual, no qual vale destacar que tal gravação, assim como a identificação do

entrevistado e do local de entrevista foram permitidos pelo mesmo. Tal entrevista foi conduzida de forma aberta, porém, foi norteadada através de um roteiro base, adaptável de perguntas, sendo:

1. Você poderia nos contar como foi que conheceu e começou na Umbanda?
2. Durante sua jornada na Umbanda, sempre frequentou o mesmo terreiro?
3. Percebe alguma diferença entre os terreiros que conhece e o terreiro que frequenta? Você pode falar um pouco sobre elas?
4. Você poderia nos explicar como normalmente funciona o ritual de incorporação?
5. Como foi para você as primeiras vezes em que presenciou uma entidade ser incorporada?
6. Você poderia nos contar como se dá a interação nesse momento, entre a entidade e todos os que estão presentes no terreiro?
7. Houve alguma incorporação que viu (ainda referente a outras pessoas/médiuns incorporando) que te marcou de alguma forma?
8. Como se tornou Pai de Santo?
9. Como você se relaciona com as entidades que incorpora?
10. Como é o diálogo com uma entidade que representa essa potência de vida histórica?
11. E como é para a entidade-espírito ser inserida em um contexto histórico tão diferente do seu?
12. Após anos de ligação com as entidades que você incorpora, você acha que esse contato influencia na forma como enxerga o mundo?
13. Como os objetos do terreiro e as roupas ajudam a preservar a memória da umbanda e das entidades?
14. O que os pontos cantados e os atabaques representam para a umbanda?
15. Quais são as principais tradições da umbanda? E, quais tradições deixaram de existir desde a fundação da umbanda até os dias de hoje?
16. Como é esse momento em que passado e presente se reúnem em uma manifestação cultural e religiosa?
17. Qual a importância da história oral e da memória na Umbanda?
18. Como vocês recebem novos integrantes no terreiro de umbanda?
19. Se a pessoa demonstra interesse de fato em continuar frequentando o terreiro, há algum momento em que dedica-se a explicar o que é a Umbanda enquanto

religião ou a maioria dos novos frequentadores já possuem um conhecimento prévio da religião e se identificam? Você poderia nos contar a respeito?

Desenvolvimento / Argumentação

Durante o percurso para a realização do trabalho uma experiência prévia com trabalho de campo ajudou a dar sustentação para a extrair algumas informações importantes (do objeto de pesquisa escolhido) para atender o objetivo proposto. Com isso, o primeiro questionamento feito ao entrevistado foi: **“Você poderia nos contar como foi que conheceu e começou na Umbanda?”**. E, a resposta obtida foi a seguinte:

Eu nasci na Umbanda! Minha mãe, meu pai e meus avós maternos sempre foram da umbanda, e, eu nasci dentro de um terreiro, como meus filhos. Com sete anos de idade eu tive meu primeiro contato com a Umbanda, desde pequeno, né, desde os cinco anos eu já ascendia velas. Mas, a espiritualidade encostou no meu corpo pra mostrar que eu era dessa religião com sete anos, eu estava na escola. Minha mãe sempre pensou que eu seria um frequentador, minha mãe nunca imaginou que eu seria um pai de santo [...]. Com sete anos eu desenvolvi dentro da escola, eu tive vários problemas, meu pai de santo teve que fazer algumas coisas (nesse ponto o avaliado se refere a realização de rituais) porque eu estava muito novo, eu era uma criança, né! Eu recebi uma entidade / espírito no meu corpo quando eu era criança, e depois disso eu comecei a aprender tudo. Meu pai de santo disse que minha sina era ser um pai de santo, e, a partir daí começou tudo. Comecei a conhecer, a ficar muito tempo no terreiro dele e nunca mais parei, eu nunca frequentei outra religião, nunca frequentei católica, evangélica, nunca, sempre foi um terreiro de umbanda, do terreiro que eu saí eu saí para começar a ser um pai de santo do meu próprio terreiro com 16 anos (Diego Barbosa de Matos, 30 anos, pai de santo / sacerdote de umbanda).

Com essa resposta, eu optei por me aprofundar mais nesse período da vida do entrevistado, e, fiz o seguinte questionamento (que não estava previamente presente no roteiro de entrevista): “Como foi para você nascer na Umbanda? Como você foi criado dentro da umbanda? Como a Umbanda surgiu na sua família?”

Olha, meus avós maternos frequentavam um terreiro, e, eles levaram minha mãe desde quando ela estava na barriga na minha avó. Minha mãe cresceu dentro do terreiro e casou e eu nasci dentro de um terreiro. Minha mãe tem 60 anos de idade, então ela tem 60 anos de Umbanda. Eu tenho 30 anos de idade, então tenho 30 anos de Umbanda, a gente nasceu dentro de um terreiro [...]. Isso vem de família, vem hereditário, isso é ancestralidade, é a minha família inteira, meus avós, meus pais e eu estou passando para os meus filhos, e tenho fé em Deus e nos Orixás que meus filhos irão passar para os filhos deles, e assim, se Deus quiser, nunca vamos perder isso [...]. A religião Umbanda é muito presente na minha família. A minha mãe conta que o bisavô dela era filho de escravo e que ele era da Umbanda, ela conheceu ele quando era muito pequena. Então a religião Umbanda está dentro da minha família há muitos anos, ela vêm provando, ela está provando dentro da minha família que ela é uma religião de muito amor, de muito carinho, muita compaixão, de muita humildade, de fazer bem ao próximo (Diego Barbosa de Matos, 30 anos, pai de santo / sacerdote de umbanda).

Nota-se a importância da memória, nesse caso principalmente a que se refere ao núcleo familiar para manter e perpetuar uma cultura, e, em certos pontos da fala do entrevistado, para manter um modo de vida. Inicialmente a memória pode até parecer algo individual, porém, ao externá-la, fica evidente um aspecto mais importante, o caráter sócio-emocional da memória, se apresentando como um fenômeno construído coletivamente e, que atua diretamente no processo de formação e escolhas de um ser. Tal premissa foi abordada no trabalho de Amorim, (2012) que diz:

Pensar na construção da memória é pensar em variadas formulações conceituais, seja como um jogo entre as lembranças e o esquecimento, apontados por Freud como uma construção social materializada nos quadros sociais (linguagem, tempo e espaço) (AMORIM, 2012).

Na sequência, continuou-se o aprofundamento das falas do entrevistado, assim, mais perguntas fora do roteiro foram feitas, sendo: “Qual a importância das histórias que você ouvia dentro da umbanda para manter a umbanda viva dentro de você?”

Isso foi muito importante, ouvir as histórias de curas, principalmente do meu pai de santo e da mãe de santo do meu pai de santo que também era mãe biológica dele [...]. Foi muito bom ouvir as histórias deles e de como minha mãe entrou na umbanda. Minha mãe foi forçada a entrar na umbanda, ela estava ficando louca, os médicos queriam internar ela em um hospício. Mas aí fizeram um ritual e a entidade / espírito dela veio incorporado nela e disse que ela não era louca, mas, que ela tinha que trabalhar a mediunidade dela [...]. As entidades / espíritos pedem dessa forma, eles procuram uma maneira de fazer você procurar a religião pra tá trabalhando o espírito [...]. O espírito foi evoluído pra vir na terra no corpo do médium para ajudar o ser humano, então quando nós nascemos com esse dom a gente tem que trabalhar porque isso está predestinado [...]. São várias histórias, eu ouvi muitas. Estou falando de histórias pessoais de entidades e o que elas são capazes de fazer, coisas impossíveis as pessoas vão lá conversam com as entidades e dá certo [...]. Muitas histórias dos orixás (orixás: espíritos da criação oriundos das forças da natureza segundo as crenças das religiões africanas), histórias de suas vidas quando eles estava, vivendo no plano carnal da terra. As histórias foram muito importantes, muito importantes pra mim pra saber que eu estou na religião certa [...] (Diego Barbosa de Matos, 30 anos, pai de santo / sacerdote de umbanda).

“Você teria conhecido a umbanda se ela não fizesse parte da sua família?”

Se eu não tivesse nascido na umbanda acho que não! Talvez mais pra frente a minha espiritualidade teria cobrado como cobrou da minha mãe biológica. Mas talvez eu não teria sido pai de santo, porque eu fui preparado para me tornar pai de santo desde criança, assim como estou fazendo com meu filho desde criança, ensinando a como lidar como se cuida das entidades, como se cuida das pessoas, a como fazer o bem. Então me tornar pai de santo pode ser um pouco de eu ter nascido dentro da religião (Diego Barbosa de Matos, 30 anos, pai de santo / sacerdote de umbanda).

“Sua família o influenciou a trilhar uma vida dentro da umbanda? O quanto seu primeiro terreiro o influenciou a seguir como sacerdote de umbanda? E o que partiu de você para continuar na umbanda?”

Influenciou muito, porque, desde os cinco anos de idade que eu já passava o final de semana inteiro dentro da casa do meu pai de santo. E lá ele me ensinou a ler cartas, me ensinou a desenvolver minha espiritualidade, me ensinou a cuidar das entidades, a rezar, como pedir, como clamar, e isso influenciou muito, influenciou muito, muito, muito. Eu acho que se eu não tivesse nascido e crescido dentro de um terreiro hoje eu não seria pai de santo [...] (Diego Barbosa de Matos, 30 anos, pai de santo / sacerdote de umbanda).

“Como foi para você saber que sua família era umbandista? Como você se sentiu?”

Eu nunca senti isso! Quando a gente nasce né [...]. Eu aprendi isso, a pessoa quando nasce na igreja evangélica ela aprende a ser. Então, não tem como dizer o que eu senti, porque eu nasci, pra mim foi como a aprender a andar (Diego Barbosa de Matos, 30 anos, pai de santo / sacerdote de umbanda).

As memórias vividas e compartilhadas com o entrevistado foram essenciais para a formação de um sacerdote de umbanda, mas, principalmente, para escolha de caminhos de vida. Pode até se dizer que, o caminho seguido pelo entrevistado já estava

traçado antes mesmo que ele decidisse, e, isso, esteve imbuído nas memórias e como elas exerceram papel importante na construção social e emocional do entrevistado. Isso foi abordado no estudo de Amorim, (2021) “História, memória, identidade e História Oral”:

Quais são os elementos que constituem a memória tanto individual quanto coletiva? Para alguns estudiosos da História Oral, como Michael Pollack, esses elementos são, em primeiro lugar, os acontecimentos vividos pessoalmente, e, em segundo lugar, aqueles acontecimentos vivenciados pelo grupo ao qual o indivíduo se sente pertencer. Neste processo de construção de identidade, o processo de socialização histórica da memória participa de forma tão efetiva e marcante que podemos falar de uma memória herdada. Ele assinala que a memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado, e é também o registro do presente que permanece como lembrança. A memória pode ser considerada uma evocação do passado. É a capacidade que o homem possui de reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total (AMORIM, 2012).

“Quais são as principais lembranças da sua família dentro da umbanda?”

As principais lembranças minhas de quando eu era criança era ver as entidades incorporar, ver minha mãe incorporando, ver meu pai de santo incorporar. EU ERA APIXONADOA pelas entidades dele, eu tinha paixão pelas entidades dele e da minha mãe, e, isso me proporcionou ter entidades boas comigo, a ter conhecimento e sabedoria para trazer minhas entidades para o plano terreno de um jeito bom e evoluído. E, o que me tornou ser um bom umbandista é que eu tive um bom professor, ele era o melhor pai de santo de região, e, ele que me deu todo conhecimento que tenho (Diego Barbosa de Matos, 30 anos, pai de santo / sacerdote de umbanda).

“Como as entidades espirituais partilham a sabedoria delas com você? E isso ajuda na evolução?”

Em sonhos principalmente! Hoje eu posso dizer que sou um pouco evoluído para falar com as entidades fora dos sonhos, eu

pergunto e elas respondem no meu subconsciente. Nas cartas e nos búzios. Dentro do terreiro na frente do congá (altar) [...] (Diego Barbosa de Matos, 30 anos, pai de santo / sacerdote de umbanda).

“Qual a importância da história oral e da memória na Umbanda? (considerando a forma como o conhecimento da religião é transmitido)”

Pra nunca perder, né! Porque, o pai de santo ficará velho e o filho de santo geralmente é mais novo, então o pai de santo tem que estar treinando pra umbanda nunca se perder, né [...]. É como se fosse passando conhecimento espiritual pra nunca se perder, né, pra passar essa ajuda espiritual ao próximo, pra sempre passar adiante (Diego Barbosa de Matos, 30 anos, pai de santo / sacerdote de umbanda).

Portanto, ao longo do que foi apresentado fica claro como a memória oral desempenha um importante papel na construção de um indivíduo. Tal premissa foi abordada no trabalho de Amorim, (2012) “História, memória, identidade e História Oral”, onde o autor aborda que:

Assim, pode-se afirmar que a memória é individual e coletiva, constituindo, destarte, um fenômeno construído, sendo possível também, estabelecer uma ligação intrínseca entre memória e identidade. Tal relação surge na medida em que a memória é um elemento constituinte da identidade, pois é a memória que cria as condições para o desenvolvimento do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo no seu processo de construção de identidade. Segundo Zygmunt Bauman a questão da identidade é a questão do momento (AMORIM, 2012).

“Como é o diálogo com uma entidade que representa essa potência da história?”

Sabedoria máxima! Sabedoria de tudo. Sabedoria do carnal, do espiritual, de como fazer, como viver [...]. Dentro da umbanda a sabedoria máxima é o Preto Velho, é o Preto Velho que sempre acalma tudo. Por isso a maioria dos umbandistas verdadeiros, que gosta dessa umbanda raiz que eu também pratico adoram muito a entidade chamada Preto Velho [...]. A experiência de

vida mesmo, essa potência histórica é os Pretos Velhos. São aonde nasceu a umbanda! São escravos que trouxeram a história (história dos povos africanos) pra dentro do Brasi. Quem trouxe o candomblé, que depois se tornou a umbanda foram os negros escravos, que juntaram conhecimento com os índios daqui e se formou a umbanda (Diego Barbosa de Matos, 30 anos, pai de santo / sacerdote de umbanda).

“Quais são as principais tradições da umbanda? E, quais tradições deixaram de existir desde a fundação da umbanda até os dias de hoje?”

[...] as principais tradições da umbanda são os ritos, rituais e benzimentos, suas danças e toques. Porém, o que está perdendo um pouco é o respeito e as raízes da umbanda. Hoje o pessoal leva a umbanda não como uma religião sagrada, mas como um lugar aonde você dança, bebe e come. [...] Não enganar! Tem muito terreiro que usa a fragilidade espiritual da pessoa pra tirar dinheiro, pra assediar sexualmente, e isso que tem feito a umbanda perder (Diego Barbosa de Matos, 30 anos, pai de santo / sacerdote de umbanda).

Conclusão

Início dizendo que, em um momento senti a necessidade de sair do roteiro e aprofundar mais em algumas falas pertinentes que proporcionaram a produção desse trabalho. Com isso, o intuito desse trabalho foi compreender qual o papel que a oralidade e memória ocupam em um determinado espaço. Evidenciar através do objeto de estudo, a Umbanda (o terreiro de umbanda), a atuação da memória como força ativa nas interações sociais e na manutenção e preservação de tradições em determinados espaços.

A memória falada, compartilhada e a memória vivida atuam em conjunto em uma dinâmica constante. A memória falada, que foi compartilhada, torna-se ponto de referência para o ser e o agir do Pai de Santo Diego. A memória vivida, a forma como ele conheceu, presenciou e aprendeu a Umbanda, a Umbanda raiz como ele diz no terreiro onde nasceu, com o pai de santo que compartilhou suas vivências, é a umbanda

que ele levou e faz no terreiro onde atua, agora ele, como um pai de santo. Lugar onde sua família se mantém e seus filhos crescem, nascidos também no terreiro, como seus pais, seus avós e seus bisavós.

Pai de santo Diego diz que nasceu no terreiro e diz de forma precisa, certa, como se a sua vida tivesse assumido uma direção bem ali. A mesma direção dos pais, a mesma direção dos avós e dos avós maternos. Pai Diogo frisa que dos dois lados da família todos pertenciam a umbanda, bem como os seus filhos nascem e crescem nela também. Tradição, memória e ancestralidade. Quase não se vê onde uma começa e outra termina.

Pai Diego nasceu e cresceu em um terreiro, mas ainda não era pai de santo. Antes disso se tornou ogam (figura que auxilia nos ritos e rituais da umbanda) e sob os cuidados do pai de santo começou a conhecer e aprender sobre a umbanda. Disse que vivia na casa dele, como se falasse de um tempo que lhe faz falta, mas também fala com orgulho do aprendizado que foi capaz de reter pra si. Pai Diego diz que aprendeu a Umbanda raiz, a Umbanda dos ritos e rituais, a Umbanda cujo objetivo maior é o de ajudar o próximo e se orgulha disso. Se orgulha de poder fazer essa umbanda no seu terreiro.

A memória vivida, antes falada, que alegrava-se em ser compartilhada, assume novamente a forma da memória vivida em um outro tempo, em uma outra vida, sob os olhos de outrém.

Comentários Sobre as Dificuldades Encontradas para a Produção do Trabalho

Como o trabalho foi feito individualmente, não há muito o que se abordar sobre as fases de construção do trabalho. Porém, a escolha da forma de apresentação dos resultados circundou em um modo de apresentação que deixasse o trabalho humanizado, já que se trata de um trabalho de memórias.

De modo geral, estou satisfeita com o resultado final do trabalho, porém, seria necessário uma maior vivência dentro do espaço para presenciar a materialização das memórias do entrevistado, assim, tal sugestão fica como um aprimoramento para trabalhos futuros.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Maria Aparecida Blaz Vasques. História, memória, identidade e História Oral. **Jus Humanum: Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais**, v. 1, n. 2, p. 107-112, 2012.

COSTA, Luana Corrêa. **Memória de ouvido: produção partilhada do conhecimento na umbanda**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo

DA SILVA FERREIRA, Danielle. Um silêncio historiográfico: o livro didático regional e as pesquisas acadêmicas. **História & Ensino**, v. 22, n. 1, p. 109-125.

DA SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. Selo Negro, 2005.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas**, v. 1, p. 62-83, 2005.

GONÇALVES, Antonio Giovanni Boaes. Memória e Umbanda. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção–RBSE**, v. 11, n. 33, p. 959-982, 2012.

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil-Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. **Revista USP**, n. 28, p. 64-83, 1996.

RODRIGUES, Raymundo Nina. Os africanos no Brasil. 2010.

ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 9, 2009.

SILVA, Helenice Rodrigues da. " Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, v. 22, p. 425-438, 2002.

VARGAS, MONIQUE FRANCIELLE CASTILHO. UMBANDA E MEMÓRIA: APONTAMENTOS A PARTIR DA CANÇÃO MISTICISMO DA ÁFRICA AO BRASIL.